

fonte: IB

class.: 186

data: 18/5/95

pg.: 12

Exploração de palmito arrasa açaizal no Pará

ANTÔNIO JOSÉ SOARES

BELÉM — A ilha de Combu, em frente a Belém, corre o risco de perder completamente a sua cobertura vegetal. Com cerca de 300 hectares, a ilha é ocupada há décadas por cerca de 130 pessoas, que vivem exclusivamente da venda de açai — coquinho cuja casca é usada na fabricação de uma tradicional bebida que serve de alimento para o paraense. Em apenas um mês, pelo menos oito mil palmeiras foram derrubadas para extração do palmito, antes mesmo do amadurecimento dos frutos e sem que fosse feito replantio.

A devastação é atribuída ao empresário Eugênio Cichovski, que teria assinado um contrato com uma fábrica para fornecer 16 mil pés de açai para a produção de palmito. Cichovski não foi encontrado nem na ilha, nem em Belém. Nas cabeceiras do rio Combu, 10 mil hectares de açaiçais foram destruídos, restando apenas outras espécies de árvores, que só sobreviveram protegidas por densas matas, como é o caso da andirobeira e do cacauero.

A ilha de Combu foi apontada como exemplo de convivência entre o ribeirinho e a natureza. A partir de um projeto do Museu

Paraense Emílio Goeldi, os moradores de Combu conseguiram uma renda anual de até US\$ 4 mil só com a venda de açai no Porto de Belém. Atualmente, um morador da ilha, como Raimundo Brabo Rosa, 37 anos, ainda ganha no fim do mês R\$ 300 líquidos com a venda do coquinho.

Floresta — O projeto desenvolvido pelo museu incluía o enriquecimento da floresta com outras plantas, tais como cacaueros e árvores de madeira de lei, para aumentar a renda dos moradores. Eles até haviam comprado pequenos barcos a motor para transportar sua produção e, na entressafra, vendiam sementes para as fábricas de sabão. Por isso, os moradores estão em pé de guerra. “Ninguém pode se dizer dono da ilha”, argumenta a advogada Maria da Conceição Fernandes, que está processando Cichovski pelo estrago que vem causando à natureza e aos moradores.

A ilha de Combu, segundo ela, pertence ao patrimônio da União. Cichovski a teria comprado num leilão patrocinado pelo governo do Estado em 1977, mas só em 1980 passou a explorá-la. No começo, com a criação de búfalos e, agora, com a retirada de sua maior riqueza, os açaiçais.